

ETHOS CRISTÃO E ÉTICA GLOBAL

Atravessam a consciência do cristão incômodo mal-estar e constrangedora má consciência no que tange à problemática ecológica, da ética global, da triunfante globalização. Assestam-se contra a tradição judeu-cristã baterias de duas bandas da fronteira. Acusa-se, de um lado, de os cristãos alienarem as forças criativas em benefício das realidades terrestres, desviando-as para finalidades transcendentais. F. Nietzsche voltou contra eles a conclamação: “Eu vos rogo, meus irmãos, permanecei fiéis à terra e não acrediteis nos que vos falam de esperanças ultraterrenas! Envenenadores, são eles, que o saibam ou não”.

Mal nos libertamos dessa pecha, elaborando uma teologia das realidades terrestres, assumindo no solene documento Gaudium et spes do Vaticano II postura extremamente otimista em relação ao mundo, voltam-se contra nós outros ataques. Agora por incentivarmos a tecnologia moderna, a devastação do Planeta Terra, o domínio despótico sobre o cosmos.

Acusações que se arrastam por anos, mas que tocam os problemas pela raiz. A tradição judeu-cristã, contrariamente ao que se diz, ao mesmo tempo, valorizou a criação, as coisas terrestres e as defendeu de ações espoliadoras em nome da Revelação de Deus. O mundo, e nele o ser humano, nascem do dedo de Deus, na bela imagem pictórica de Michelangelo. As criaturas são postas nas mãos do homem no Éden para que cuide responsabilmente delas. Se o mundo não tem para a Escritura a sacralidade que os pagãos lhe atribuíam e a mística ecológica, de corte oriental, relança, está confiado ao ser humano, este sim, chamado à santidade a se realizar na relação com Deus, com os outros e com o mundo. Nesse sentido, não cabe desprezá-lo em vista de ganhar a eternidade. Entre o tempo humano, suas realidades e a eternidade de Deus se constituiu elo indissolúvel pela

liberdade infinita de Deus. O tempo dos homens é subsumido para dentro da infinitude sem limite de Deus. “Todos os bens da dignidade humana, da comunhão fraterna e da liberdade, fruto da natureza e de nosso trabalho”, na linguagem discreta do Vaticano II, “voltaremos de novo a encontrá-los, mas então purificados de qualquer mancha, iluminados e transfigurados” (GS n. 39).

Posição tão otimista a respeito das ações e construções humanas não justifica nenhuma suspeita de desprezo por parte dos cristãos. O mesmo Concílio afirma contundentemente que “a expectativa da nova terra não deve, porém, enfraquecer, mas antes ativar a solicitude em ordem a desenvolver esta terra”. Nela cresce a família humana que prefigura o mundo futuro.

Do outro lado da fronteira, o Cristianismo não fundamenta nenhuma postura devastadora da natureza. A santidade de Deus manifesta-se na sua glória que envolve a natureza e não permite desprezá-la. Leva, antes, a respeitá-la. Leitura apressada e fundamentalista do Gênesis, ao interpretar o domínio do ser humano sobre os animais (Gn 1,26) e a ordem de Deus de submeter a terra (Gn 1,28), esquece o quadro geral em que a criação se insere. O ponto alto do ato criativo de Deus situa-se no descanso do sábado a partir do qual se entende a relação do ser humano com a natureza em atitude primordialmente hínica. O sábado para o judeu iluminava toda a semana com o tempo dedicado à oração, leitura e meditação da Escritura, associado ao descanso físico. Insinua que a natureza também necessita de tal descanso e que não pode ser esgotada pela ganância operativa humana. Além do sábado semanal, o judeu instituiu o sabático da terra (Ex 23,10s; Lv 25,2ss) e o jubileu (Lv 25,11s), em que se previa tempo para deixar a terra descansar com a injunção social da redistribuição dos bens e do perdão das dívidas.

Visão ecológica e social conjuntamente. O Cristianismo manteve o descanso sabático, deslocando-o para o Dies Domini – o domingo, a fim de recordar o mistério pascal. Mais: pelo mistério da Encarnação, o Verbo divino assumiu o corpo humano e levou-o à plenitude da ressurreição. Pelos atuais conhecimentos científicos sabemos que o corpo humano carrega as mesmas substâncias que foram forjadas no início do big bang. Adquire ainda maior expressividade o fato de as substâncias materiais formarem o corpo divino de Jesus e terem alcançado a glorificação pascal.

A fé cristã associa-se, não apressadamente, ao movimento ecológico e à ética global, como moda passageira e superficial, mas oferece-lhe base profunda e definitiva. A natureza, a vida humana, as realidades terrestres participam da glória de Deus. Não existem para serem destruídas e estragadas pela ganância devoradora de um sistema assentado sobre o lucro. Inspira a mística ecológica que fez Francisco de Assis louvar o Altíssimo e Onipotente Bom Senhor com todas as criaturas: o irmão sol, a

lua e as estrelas, o irmão vento, a irmã água com os belos adjetivos de “útil, humilde, preciosa e casta”, o irmão fogo, a mãe terra que produz flores coloridas e ervas.

Tradição que gerou tal encantamento pela natureza não suporta, de modo nenhum, a fúria do crescimento econômico à custa do presente e do futuro. Nesse momento, deparamo-nos com a resposta que o sistema capitalista tem dado por meio da categoria de sustentabilidade. Melhor do que nada. Entretanto, perspectiva bem ambígua que merece ser submetida à lucidez da razão iluminada por princípios éticos, e, na nossa perspectiva, pela originalidade e singularidade cristãs.

A sustentabilidade alerta para que não esgotemos a terra no presente, já que virão depois de nós outras gerações que têm o mesmo direito que nós de viverem dignamente. Bom critério para início de conversa. No entanto, conceito nascido no seio de um sistema que continua a pôr o centro de vitalidade no mercado, no lucro e no desenvolvimento tecnológico sem peias suscita suspeita. O olhar se volta para o futuro e esquece o presente. A análise, antes de tudo, deve considerar o tipo de desenvolvimento, a mentalidade que o anima, a mola que o propulsiona. Se a transformação não acontecer na causa e simplesmente se remediarem alguns efeitos nefastos, a ameaça continua. Qualquer pequeno desequilíbrio no fiel da balança dos gastos e da exploração trará conseqüências insanáveis.

Está em jogo o ethos humano atual e sua relação com a ética global. Os ajustes no interior do sistema capitalista vigente têm conseguido minimizar e desacelerar a destruição ecológica. Contudo não se produziu mudança radical de atitude. Aí está o caminho de saída.

Conjugam-se dois aspectos fundamentais na questão da relação do ser humano com a natureza na perspectiva da ética global. Entra em questão o próprio ser humano, em primeiro e principal lugar. Em íntima relação com ele, a totalidade da criação participa dessa postura básica.

A ética global, o ethos respeitoso em relação a todas as criaturas fundam-se na consciência, na liberdade e na natureza relacional do ser humano. A dimensão antropológica constitui-se aspecto incontornável. Responsabilidade pessoal, intersubjetiva e social impõe-nos opção fundamental de vida.

O ser humano se perde pelo duplo movimento de retraimento isolacionista e de entrega radical à fruição egoísta dos bens. E esse egoísmo manifesta-se tanto num pensar individual quanto no de uma classe a que se pertence. Repete-se à saciedade que o Planeta Terra não suporta, não num futuro sustentável, mas já no presente real, a continuidade do modelo consumista dos países ricos. A evidência de tal fato escapa às camadas privilegiadas, porque elas conseguiram ocultar para si os bilhões de segregados do sistema. Se eles tivessem acesso aos bens de consumo na mesma medida em

que elas o fazem, já hoje a terra se exauriria. Não existe sustentabilidade possível no atual sistema. O termo se torna engodo, porque oculta a verdade social do consumo privilegiado de fina camada de beneficiados e da exclusão das imensas maiorias. Perdem-se as classes privilegiadas simultaneamente porque se isolam das multidões pobres e mergulham em consumismo desvairado.

A sustentabilidade vem sendo pensada para que os consumidores de hoje – minoria ridícula em comparação com o conjunto da humanidade – deixem bens para os consumidores de amanhã. Todos pertencentes ao mesmo time de agraciados. No entanto, não se detêm um mínimo sequer para questionarem se já ultrapassaram o limite do consumo.

Valeria a perspectiva de sustentabilidade se ela se voltasse para o presente em perspectiva social. O primeiro passo para um ethos humano consistiria em perguntar-se que nível de consumo se faz possível hoje para os 6,5 bilhões de habitantes da Terra. A resposta a tal pergunta exigiria radical transformação no tipo de produção de bens, na sua distribuição e fruição. Seguir-se-ia uma primeira e grave conseqüência que os países da “tese da sustentabilidade” nunca aceitariam, a saber, a eliminação da pauta de produção dos bens de morte: a indústria armamentista, os negócios criminosos, a indústria da droga. Aí circulam bilhões de dólares por ano.

Cui prodest? perguntavam os latinos. A quem interessa manter vivas, em alto crescimento, essas indústrias que geram a destruição da própria natureza física e a morte de milhões de pessoas? Recordemo-nos do “agente laranja” que os americanos usaram na guerra do Vietnam, uma das mais sujas e nojentas da história. Contaminaram de modo, quem sabe, se não permanente, sem dúvida por muito tempo, regiões e países com as armas químicas. As guerras recentes – do Golfo, Irã, Iraque, etc. – têm sido ecologicamente devastadoras. Silenciemos os danos horrendos feitos às pessoas, que adquiriram desfigurações físicas, tumores, aleijões, deformações de vários tipos, porque esses superam qualquer racionalidade humana.

Que sustentabilidade se faz possível se as indústrias de armas prosseguem marcha funérea, ao usar os últimos recursos da tecnologia? Entram elas no círculo vicioso do Ocidente: a arma desenvolve a tecnologia, a tecnologia aperfeiçoa a arma. Romper-se-á tal circularidade unicamente pela proscrição radical da fabricação de armas mortais. Utopia com que Isaías um dia sonhou: “Nenhuma nação pegará em armas contra a outra e nunca mais se treinarão para a guerra” (Is 2,4). As espadas se fundirão para fazer arado, as lanças para ser foices. Dezenas de séculos depois, estamos ainda mais longe de tal sonho! Em termos de hoje, tal projeto salvador de Isaías significaria que a gigantesca parafernália militar se converteria em alimento para as bocas famintas do 3º Mundo. Aí sim a sustentabilidade adquiriria credibilidade!

O *ethos* cristão vai mais longe. A ética global debate-se na busca de base para prevalecer-se contra a insaciável ganância das forças dominantes. Sofre enorme dificuldade. Umberto Eco, no diálogo epistolar com o Card. Martini, vê o início da ética na entrada do outro em cena. Recorre a universais semânticos no sentido de noções elementares comuns a toda espécie humana a serem expressos por todas as línguas. E o primeiro de todos no sentido ético soa: “não fazer aos outros o que não quer que façam a si mesmo”.

Bom começo. Mas parece frágil. Os colonizadores vieram às Américas, e semearam milhões de mortes. Os países ricos necessitaram e necessitam de mão-de-obra, e escravizam até hoje, já não os negros laçados na África, mas indocumentados mendicantes. Nesses países em que se elaboraram as Filosofias personalista, do Rosto interpelante do Outro, da Razão comunicativa, os Direitos Humanos desconhecem no migrante de países pobres a face do Outro. Ameaçam-no de prisão, deportação sumária e humilhações que nenhum europeu gostaria de sofrer. Que dono de empresa deseja trabalhar oito horas em condições inumanas, respirando pó de cimento a destruir-lhe o pulmão? E isso acontece ao lado de nós. Que outro era para a fúria nazista o judeu?

O discurso da pós-modernidade neoliberal da União Européia beira o cinismo. Afirmam com belas palavras a radicalidade do outro e o submetem a vexaminosos procedimentos. Envergonham a tradição cristã de que se julgaram até então os detentores, impingindo-a aos países colonizados. Muitas luzes no pensar, muitas trevas no agir!

O verdadeiro *ethos* cristão afirma a absoluta dignidade humana por força do mistério criador de Deus e da Encarnação do Logos divino. Não exclui nenhum outro. Antes, assume, na linha de Jesus, como mais outro ainda, mais digno de respeito, aquele que se situa à margem. Inverte o *ethos* capitalista. Para este, vale quem produz ou consome e enquanto o faz. Fora daí não existe. Certo empresário confessava, ingênua ou maldosamente – deixemos aberto o advérbio – que já não merecia a pecha de opressor de operários, já que nem mesmo os queria ter. Bastava-lhe a tecnologia para produzir e alguns poucos técnicos bem remunerados. O outro pobre some-se no anonimato, na invisibilidade.

A ética global faz jus a seu nome, se for capaz de ter um olhar perspicaz que alcance o movimento maior do sistema neoliberal, que parece diminuir a carga opressiva sobre as promovidas classes operárias, mas joga de escanteio a maioria dos excluídos da nova sociedade do conhecimento. Esta traja veste asséptica de hospital para não contaminar os visitantes e a si mesmos. Mas esquece que lá fora os germes se propagam ao infinito. Cinismo branco!

A proteção do conjunto da natureza exige que se faça conjuntamente com a defesa dos humanos. Cuidar e proteger gatinhos e cães de estimação

recebem o beneplácito de movimentos da defesa dos animais. Nada mal. Não, porém, à custa do silêncio sobre o desprezo presente respeito a imensas multidões, perdidas na escuridão do desconhecimento por parte do sistema.

Para nós na América Latina, só tem sentido abordar o Grito da Terra se, ao mesmo tempo, ouvirmos o Grito dos Pobres (L. Boff). A morte da Terra afeta progressivamente a todos, mas inicia o calvário atingindo primeira e maldosamente os pobres. Quem mora em terrenos de risco? Quem não conhece esgoto e água tratada? Quem vê as paredes da Escola sujas, mal tratadas, sem nenhum estímulo à limpeza? Quem transita predominantemente por bairros mal cuidados? Enfim, quem tem o visual, cheio de poluição, e, portanto, menos educado para descobrir e cultivar o respeito à natureza? Eles, os pobres. Não por escolha, nem por algum defeito do genoma, mas segregados por aqueles que se vestem dos trajes limpos da ecologia, da sustentabilidade, da ética global. Os três em benefício próprio. E que os pobres se contentem com as migalhas caídas da mesa do rico epulão!

Ethos cristão e ética global têm nome na América Latina: opção pelos pobres. E a partir dela irradia-se novo espírito de respeito e cultivo de toda a natureza. Quando toca aos pobres viver em situação melhor de vida, imediatamente reagem de maneira positiva aos estímulos da beleza, do esplendor da natureza. Para usufruir tais bens requerem-se condições humanas de vida digna. Sem isso, todo discurso sobre ecologia, sustentabilidade, ética global perde credibilidade. Filósofos e cantores de nossas plagas nos têm alertado para a “razão cínica”, tão dominante na pós-modernidade gloriosa, do bem-estar. Produz-se verdadeira esquizofrenia entre a beleza do discurso e a verdade dos fatos que se esconde sob o tecido gracioso das palavras.

A força cortante da palavra de Deus, na metáfora bíblica, dissecou a ambigüidade do discurso dominante. Retira dele elementos válidos na defesa do futuro sustentável e da busca de consenso ético universal. Aponta, porém, a ilusão do caminho escolhido. Não se chega a um destino por qualquer via. O Fórum Social Mundial tocou na chaga, ao defender a construção de “outro mundo” diferente do neoliberal. E não capitulou diante do monstro, pois insere o sonho de outro mundo no universo do possível. Aliás, só existe utopia lá onde o não-existente – ou tópos – se apresenta como bom – eu tópos –, possível na história e, por isso, motor de entusiasmo, coragem e ação.

A partir da não existência do mundo respeitoso da ecologia, carente de uma ética global, o ethos cristão tem elementos a oferecer para as outras três condições de utopia: um bem, que seja possível e que motive para a ação. No horizonte maior da fé cristã, se situa a comunhão trinitária de onde viemos, em que vivemos e para onde caminhamos. “No princípio

está a comunhão dos TRÊS e não a solidão do UM” (L. Boff). A partir desse existencial sobrenatural, na expressão rahneriana, todos se vêem envolvidos na tarefa ingente de construir a comunidade dos homens em harmonia com o cosmos. Diferentemente de leitura darwiniana da origem, não biológica, mas da especificidade do ser humano, rege-nos não o princípio da luta pela vida, do triunfo do mais forte, da sobrevivência do privilegiado e sim o da “racionalidade da cooperação” (M. Abdalla). Lá na origem está o mistério trinitário e o anúncio do Reino por Jesus, feito de justiça, solidariedade e paz.

Embora o Cristianismo se constitua fato histórico limitado, particular, surgido nas pegadas de Jesus, em determinado tempo, espaço e cultura e embora participe das ambigüidades da carne humana peregrinando por vinte séculos, carrega, no entanto, dentro de si, a universalidade de alcance da Palavra divina e da pessoa teândrica de Jesus. Sem pretensões, sem imposições, mas também sem demissão ou complexo de culpa, o ethos cristão aceita entrar de peito aberto no diálogo com todos os que propugnam a defesa da oikia humana na dupla realidade do cosmos físico e da convivência de humanidade. Não se acanha de reconhecer, como fez João Paulo II na quaresma do início do milênio, os pecados do passado, ao insuflar espírito alienado das coisas terrestres e ao permitir a devastadora hybris humana em nome de equivocado domínio sobre as coisas. Entretanto, à luz da conversão para o movimento de compromisso com as realidades terrestres na linha do progresso e do sentido social, ousa pensar em forma nova o ethos cristão e sua colaboração para a construção da ética global.

COLEÇÃO BÍBLICA LOYOLA

A Coleção Bíblica Loyola, sob responsabilidade da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte, publica estudos, comentários e subsídios bíblicos de nível científico internacional, seja traduzidos, seja produzidos por biblistas nacionais.

TÍTULOS MAIS RECENTES:

19. **As duas fases da pregação de Paulo** (*M. Pesce*)
20. **O Evangelho de Mateus e o judaísmo formativo** (*J. A. Overman*)
21. **A Bíblia na Igreja** (*J. A. Fitzmyer*)
22. **O pensamento do templo - de Jerusalém a Qumran** (*F. Schmidt*)
23. **As formas literárias do Novo Testamento** (*K. Berger*)
24. **Procurais o Jesus histórico?** (*R. Zuurmond*)
25. **Sabedoria e sábios em Israel** (*J. Vélchez Líndez*)
26. **Mulher e homem em Paulo** (*N. Baumert*)
27. **A evolução do pensamento paulino** (*U. Schnelle*)
28. **Metodologia do Antigo Testamento** (*H. Simian-Yofre [org.]*)
29. **A mensagem do Reino** (*R. A. Horsley e N. A. Silberman*)
30. **Abraão e sua lenda: Gênesis 12,1-25,11** (*W. Vogels*)
31. **Israel e seu Deus:** (*F. Gradl e F. J. Stendebach*)
32. **Sacrifício e culto no Israel do Antigo Testamento** (*Ina Willi-Plein*)
33. **O Jesus Histórico: um manual** (*Gerd Theissen / Annete Merz*)
34. **A Tríade: fé, esperança e amor em Paulo** (*Thomas Söding*)
35. **A Primeira história do Cristianismo** (*Daniel Marguerat*)
36. **Introdução ao Antigo Testamento** (*Erich Zenger et al.*)
37. **Introdução à leitura do Pentateuco** (*Jean-Louis Ska*)
38. **A "fórmula da aliança"** (*Rolf Rendtorff*)
39. **As parábolas de Jesus em Marcos e Mateus** (*Michel Gourgues*)
40. **A invenção de Cristo** (*Maurice Sachot*)
41. **As origens da Bíblia** (*John W. Miller*)
42. **Naquele tempo... Concepções e práticas do tempo** (*M. Gourgues e M. Talbot*)
43. **Introdução à exegese do Novo Testamento** (*U. Schnelle*)
44. **A encarnação do Filho de Deus** (*Ulrich B. Müller*)
45. **Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da "Fonte Q"** (*J. Konings*)
46. **Entre os dois Testamentos. História e religião na época do Segundo Templo** (*J. Maier*)
47. **As parábolas de Lucas** (*Michel Gourgues*)
48. **Religião de visionários: apocalíptica e misticismo no cristianismo primitivo** (*P.A. de S. Nogueira*)
49. **O homem bíblico. Leituras do Primeiro Testamento** (*A. Wénin*)
50. **Aquele que manda a chuva na face da terra** (*C.M. Dias da Silva*)
51. **Davi e sua história** (*W. Vogels*)
52. **A Bíblia grega dos Setenta - Do judaísmo ao cristianismo antigo** (*M. Harl, G. Dorival, O. Munnich*)

Edições Loyola — Cx. P. 42.355 - CEP 04299-970 São Paulo
e-mail: vendas@loyola.com.br